

O LUDICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO INFANTIL

Vinícius dos Santos

Orientadora : Silvia Pimenta

RESUMO

Este trabalho de revisão de literatura leva em consideração que a escola é por excelência um espaço privilegiado para a construção do conhecimento, sobretudo pelas interações possíveis de serem promovidas em seu interior, e que este conhecimento, uma vez apropriado pelo sujeito, constitui-se instrumento de sua autonomia para agir e pensar tem-se então que recuperar o sentido do ensino e com ele, a importância das intervenções. São elas a “alma do processo ensino-aprendizagem” e demanda do educador o exercício constante da reflexão e da pesquisa. Os jogos e brincadeiras são instrumentos indispensáveis para a construção do conhecimento na criança da Educação Infantil. Tal a importância do objeto de pesquisa que “brincar” foi tema nos Referenciais Nacionais para a Educação Infantil e permanece na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como área de conhecimento a ser trabalhado com o mesmo cuidado das demais disciplinas. A grande diversidade de atividades que podem ser desenvolvidas nas aulas de educação física garante à disciplina um grande número de situações que podem auxiliar a criança a se desenvolver de maneira global. O desenvolvimento da psicomotricidade pode ser trabalhado, inclusive, e principalmente, na forma de jogos e brincadeiras, que na escola, possuem um caráter lúdico. A revisão de literatura permitiu perceber que o educador deve auxiliar a criança na promoção da consciência do seu próprio corpo, ter a noção do espaço, controle do tempo e adquirir automaticamente controle de seus próprios movimentos. O professor deve prestar muita atenção no que diz respeito às fases dos desenvolvimentos, e ser um grande mediador da aprendizagem.

Palavras-Chave: BNCC. Educação Física. Educação Infantil. Jogos e brincadeiras.

1. INTRODUÇÃO

A escola é, por definição, um espaço privilegiado para a construção do conhecimento, sobretudo pelas interações possíveis de serem promovidas em seu interior, e que este conhecimento, uma vez apropriado pelo sujeito, constitui-se instrumento de sua autonomia para agir e pensar tem-se então que recuperar o sentido do ensino e com ele, a importância das intervenções. São elas a “alma do processo ensino-aprendizagem” e demanda do educador o exercício constante da reflexão e da pesquisa.

Os jogos e brincadeiras são instrumentos indispensáveis para a construção do conhecimento na criança da Educação Infantil. Tal a importância do objeto de pesquisa que

“brincar” foi tema nos Referenciais Nacionais para a Educação Infantil e permanece na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como área de conhecimento a ser trabalhado com o mesmo cuidado das demais disciplinas.

A relevância deste trabalho está em compreender o ambiente escolar como propício ao desenvolvimento de habilidades efetivas, ou seja, que auxiliem a criança ao exercício da cidadania, que pode ser entendida como a socialização, a formação da consciência crítica perante a si mesmo, o outro e a sociedade.

A grande diversidade de atividades que podem ser desenvolvidas nas aulas de educação física garante à disciplina um grande número de situações que podem auxiliar a criança a se desenvolver de maneira global. O desenvolvimento da psicomotricidade pode ser trabalhado, inclusive, e principalmente, na forma de jogos e brincadeiras, que na escola, possuem um caráter lúdico.

O Educador deve auxiliar a criança na promoção da consciência do seu próprio corpo, ter a noção do espaço, controle do tempo e adquirir automaticamente controle de seus próprios movimentos. O professor deve prestar muita atenção no que diz respeito às fases dos desenvolvimentos, e ser um grande mediador da aprendizagem. O profissional irá atuar de maneira positiva explorando o máximo o meio da criança, através das atividades lúdicas, assim contribuindo para a formação integral do indivíduo através do movimento.

1.1. OBJETIVOS

Objetivo Geral: Demonstrar a importância da Educação Física escolar na Educação Infantil

Objetivos Específicos:

- Apresentar a importância da Educação Física escolar para o desenvolvimento de habilidades essenciais em alunos da Educação Infantil;
- Definir e caracterizar psicomotricidade;
- Demonstrar a importância do planejamento das aulas e da intencionalidade docente;
- Apresentar o lúdico, através dos jogos e das brincadeiras, como estratégias importantes para o desenvolvimento de crianças na Educação Infantil.

1.2. HIPÓTESE

Para Chateau (1987), dada a importância da estimulação corporal para o desenvolvimento global do indivíduo, é necessário atentar sobre as habilidades psicomotoras,

que incluem: a resistência à fadiga, a visão periférica, o equilíbrio físico, a destreza manual e digital, a coordenação mãos e olhos, entre outras.

O planejamento das aulas de educação física na educação infantil, segundo Fortuna (2004), deve levar em consideração o desenvolvimento da criança. As crianças se desenvolvem de acordo com estímulos, portanto, principalmente quando a criança é incentivada desde cedo a brincar, ela vai construindo conhecimentos efetivos, ou seja, vai desenvolvendo habilidades que a auxiliam a resolver problemas com competência (FRIEDMANN, 2004).

Fortuna (2004) relata que, para que a aprendizagem seja efetiva na educação infantil, o docente deve planejar suas atividades e, de acordo com seus objetivos, atentar para o nível de desenvolvimento que a criança se encontra para, a partir daí, construir suas aulas visando sempre à superação de desafios. O autor entende que, mesmo quando o docente já encontra uma atividade pronta, deve adaptá-la de acordo com o desenvolvimento de seus alunos.

Para Macedo (2003), brincar é fonte de lazer, mas é, simultaneamente, fonte de conhecimento; é esta dupla natureza que nos leva a considerar o brincar parte integrante da atividade educativa. Além de possibilitar o exercício daquilo que é próprio no processo de desenvolvimento e aprendizagem, brincar é uma situação em que a criança constitui significados, sendo forma tanto para a assimilação dos papéis sociais e compreensão das relações afetivas que ocorrem em seu meio, como para a construção do conhecimento.

Para Brougère (1997), a primeira relação da brincadeira com a aprendizagem é que a criança aprende a brincar; ao aprender a brincar, ela aprende certo tipo de comunicação, uma capacidade de se comunicar com um parceiro. Quem está brincando, está decidindo; um jogador é um tomador de decisões e esta é, sem dúvida, uma das características importantes do jogo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O ambiente escolar e a Educação Infantil

O espaço educacional é o ambiente propício para o processo desenvolvimento cognitivo e também psicomotor, cultural, etc., ou seja, pelo desenvolvimento global dos alunos (OLIVEIRA, 2002). Além disso, segundo Oliveira (2002), é responsável pelo processo de socialização. Já que, no ambiente escolar, os indivíduos constroem conhecimentos e se constroem no desenvolvimento de habilidades que possibilitam a resolução de problemas com competência e, para isso, vale a intencionalidade docente.

O problema que se apresenta é que, quando a criança inicia sua educação formal, na escola, os conhecimentos que ela vinha construindo com sua família, amigos, etc. na forma de brincadeiras e jogos com os conhecimentos a serem aprendidos na escola parecem ser muito

distantes (FARIA, PALHARES, 1999). Sabe-se, segundo Andrade (2010), que a educação infantil é a fase da vida das crianças em que lhes são apresentados novos conhecimentos e estes, na maioria das vezes, nem sempre são agradáveis. O que parece, de acordo com o mesmo autor, é que há uma verdadeira ruptura entre os conhecimentos adquiridos antes da escola dos que são aprendidos na escola.

A Educação Infantil é a fase que envolve crianças de 0 a 6 anos de idade, considerada a primeira etapa da Educação Básica. Seu objetivo é o desenvolvimento integral das crianças, ou seja, não apenas o cognitivo, mas também o físico e o sócio emocional. É, assim, a primeira porta de acesso da criança à sociedade, onde ela tem a oportunidade de construir suas hipóteses e aprendizagens sobre o mundo (OLIVEIRA, 2002).

Para Andrade (2010):

A Constituição Federal de 1988, em relação às políticas de atenção à infância, inaugurou um novo momento na história da legislação infantil ao reconhecer a criança como cidadã. Ao contemplar o direito das crianças pequenas à educação estabeleceu, como dever do Estado, a garantia do atendimento em creches e pré-escolas às crianças de 0 a 6 anos. Dessa forma, as creches começaram a fazer parte das políticas públicas enquanto instituições educativas (ANDRADE, 2010, p. 23).

Para Faria e Palhares (1999) atualmente tem-se a primeira infância como um período crucial na vida das crianças, é nesta fase que elas adquirem capacidades fundamentais para o desenvolvimento de habilidades que irão impactar na sua vida adulta, por isso, cuidar da Educação Infantil é cuidar do futuro das nossas crianças.

É bom lembrar que nem sempre se pensou assim sobre a Educação Infantil. Na Idade Média a criança era vista como um adulto em miniatura, um ser incapaz e fragmentado. Para Comenius (1592-1670), é preciso que a criança conviva com os adultos para adquirir iniciativas racionais, se humanizem e alcancem valores (ARIÉS, 1981). Percebe-se assim que não havia uma educação pensada para a criança, que buscasse o conhecimento de “como a criança aprende”.

Para Andrade (2010) a infância tem-se constituído em um campo emergente de estudos para várias áreas do saber, porém focados em divergentes abordagens, enfoques e métodos, os quais determinaram distintas imagens sociais sobre as crianças.

Segundo Sarmiento (2007):

As concepções construídas historicamente sobre a infância, baseadas numa perspectiva adulto Centrica, tanto esclarecem como ocultam a realidade social e cultural das crianças sendo, portanto, necessária a ruptura com o modelo epistemológico sobre a infância até então instituído (SARMENTO, 2007, p. 26).

O autor afirma ser recente o interesse histórico pela infância, sendo predominante no quadro teórico sua concepção como construção social. No Brasil, houve uma evolução qualitativa quanto à importância da Educação Infantil à partir da Constituição Federal, de 1.988, culminando, atualmente na BNCC – Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

Em se tratando de qualidade, há que se pensar no profissional docente que, segundo a Política Nacional de Educação Infantil (BRASIL, 2005) deve estar preparada para o atendimento da criança levando em consideração o desenvolvimento humano, formação da personalidade, construção da inteligência e aprendizagem nos primeiros anos de vida, bem como, se manter atualizado acerca das pesquisas sobre produção das culturas infantis, história da infância brasileira e pedagogia da infância, realizadas nos últimos anos, dada a amplitude e complexidade do conhecimento sobre infância e educação.

Para Antunes (2004) o ambiente escolar, durante a educação infantil, deve educar, ensinar, transformar e modificar e, quando as primeiras experiências são positivas, tendem a reforçar ao longo da vida as atitudes de autoconfiança, de cooperação, solidariedade e responsabilidade proporcionando melhor desenvolvimento para as aprendizagens posteriores.

A compreensão do universo da criança pode auxiliar o professor a repensar sua prática pedagógica. As brincadeiras, os jogos, as histórias devem ser pensadas de forma lúdica, que contribuem para o desenvolvimento da criança. A prática docente deve extrapolar a prática que prioriza o quadro negro, caderno e lápis e promover um conhecimento com significância para a criança (BARROS, 2008).

O que é relevante compreender é que, atualmente, a infância, ou melhor, a educação durante a infância, tem-se constituído em um campo emergente de estudos para várias áreas do saber, porém focados em divergentes abordagens, enfoques e métodos, os quais determinaram distintas imagens sociais sobre as crianças (ANDRADE, 2010).

2.2 Psicomotricidade

De forma simples, se pode entender por psicomotricidade como uma técnica que envolve variedade de ciências que têm como objeto de estudo o corpo em movimento a fim de desenvolver os aspectos comunicativos do corpo, oportunizando aos indivíduos a possibilidade de domínio corpóreo, de economia de energia, pensar os gestos, aumentar sua eficácia e estética, aperfeiçoar o equilíbrio e desenvolver as possibilidades motoras e criativas na sua globalidade (FONSECA, 1995).

De acordo com Coste (1992), os estudos acerca da psicomotricidade são recentes, mas sua história tem estreita relação com a história do corpo, um longo percurso marcado por

profundas transformações e reformulações, culminando no que se entende como teorias modernas sobre a concepção de psicomotricidade, bem como as formas de compreendê-la. Os autores relatam que, para que fosse construído o estudo da psicomotricidade, houve a necessidade de recorrer a outras áreas do conhecimento, em especial aquelas que estudavam o comportamento motor e desenvolvimento humano.

Fonseca (1995) diz que a história do desenvolvimento motor passou por várias fases, sendo que a primeira era pautada por duas preocupações, como se manifesta o desenvolvimento humano e por qual razão ocorre desta forma. Para o autor, a teoria evolucionista Charles Darwin proporcionou novas visões sobre o corpo humano, principalmente sobre os determinismos genéticos, passando a ser entendido como um processo adaptativo.

Durante a primeira fase dos estudos sobre a psicomotricidade a ênfase foi dada pela pesquisa teórica, em especial para o desenvolvimento motor da criança, depois houve um aprofundamento e evolução, enfocando a relação entre atraso no desenvolvimento motor e atraso intelectual da criança e seguindo para os estudos sobre o desenvolvimento de habilidade manual e aptidão motora em função da idade (MELLO, 2000).

Coste (1992) relata que o movimento é um componente essencial na estruturação psicológica do “eu”, assim a ação se torna importante na consciência que a pessoa tem de si e do mundo, o que define a concepção que o indivíduo tem de seu corpo. Para o autor, a história da psicomotricidade está relacionada à história do corpo, nascem juntas. Ainda segundo o autor, a psicomotricidade é resultado de um longo processo marcado por cortes revolucionários e reformulações decisivas, que alcançam o auge na concepção moderna, permitindo sua compreensão.

Segundo Alves (2003), a psicomotricidade dá ênfase à relação entre motricidade, a mente e a afetividade através de técnica que facilitem a abordagem global da criança. Configura-se, segundo o autor, em uma ciência que tem como objeto de estudo o homem através de seu corpo em movimento e das relações com seu mundo interno e externo, fundamental para o desenvolvimento da formação da personalidade e representação relativamente global, científica e diferenciada que a criança tem de seu próprio corpo.

Fonseca (1988) reconhece que é através do corpo que os indivíduos interagem e conhecem o mundo em que vivem e, é também através de seus corpos, que desenvolvem a capacidade de adquirir conhecimento e ter opinião para poderem classificar o que aprenderam das experiências. Para o autor, a psicomotricidade é o ponto de partida para a compreensão de si, do outro e do mundo.

2.3. Educação Física Escolar na Educação Infantil

O currículo para a aprendizagem na educação infantil deve valorizar o lúdico. Para Almeida (1990):

A educação lúdica esteve presente em todas as épocas, povos, contextos de inúmeros pesquisadores, formando, hoje, uma vasta rede de conhecimentos não só no campo da educação, da psicologia, fisiologia, como nas demais áreas do conhecimento. [...], o jogo é tão importante na vida da criança como é o trabalho para o adulto, daí o fato de a educação do futuro cidadão se desenvolver antes de tudo no jogo (ALMEIDA, 1990, p.31).

Para Brougère (1997), além das atividades curriculares comuns na grade escolar, atualmente, nas escolas públicas e particulares, muitos outros tipos de atividades podem ser desenvolvidas na forma de projetos, atividades extracurriculares, que podem auxiliar o docente à promover o desenvolvimento global dos alunos.

As brincadeiras alimentam o espírito imaginativo, exploratório e inventivo do faz-de-conta e a isso se dá o nome de lúdico. Brincar tem o sabor de desconhecer o que se conhece, pois cada brincadeira é um universo a ser sempre (re) descoberto, (re) vivido, (re) aprendido (KOUDELA, 2002).

De acordo com Gardner (1994), a brincadeira é o modo natural pelo qual o ser humano aprende a se relacionar com o mundo. É através do jogo com objetos e saberes que a criança formula hipóteses e conceitos. Ela recria a própria vida, vivenciando prazeres e conflitos, resolvendo-os e compensando-os por meio da imaginação. O autor afirma que o brincar é o principal motor do desenvolvimento, promovendo a autoconfiança, pois permite que a criança experimente o mundo sem medo.

Assim como Gardner (1994), muitos pesquisadores já estudaram o brincar na vida das pessoas e todos esses estudos tem uma contribuição muito importante para se compreender como é que acontecem as situações do brincar. Na brincadeira, a criança repete e também reorganiza uma possível realidade.

A antropologia e a sociologia observam os conteúdos presentes numa brincadeira que mostram uma organização de uma cultura. Ali estão expostos os mitos, os ritos, as relações de autoridade, dentre outros muitos aspectos. Já na educação, as brincadeiras têm sido alvo de muitos estudos, principalmente como instrumentos pedagógicos. A brincadeira é aquela capacidade do ser humano de dar outro sentido a uma situação, uma ação ou um objeto. (HUIZINGA, 1993, p. 41)

É relevante atentar para o fato de que, para a criança pequena, o brinquedo é coisa muito séria, pois ela não separa a situação imaginária da real. Já na idade escolar, o “brincar” torna-se uma forma de atividade mais limitada que preenche um papel específico em seu

desenvolvimento, tendo um significado diferente do que tem para uma criança pré-escolar. À medida que vai crescendo, a criança vai evoluindo no seu “brincar” e passando dos brinquedos e jogos imaginativos para situações em que são apreciadas as regras (VYGOTSKY, 1998).

A primeira relação da brincadeira com a aprendizagem é que a criança aprende a brincar; ao aprender a brincar, ela aprende certo tipo de comunicação, uma capacidade de se comunicar com um parceiro. Quem está brincando, está decidindo; um jogador é um tomador de decisões e esta é, sem dúvida, uma das características importantes do jogo (BROUGÉRE, 1997). O que caracteriza a brincadeira é que ela pode fabricar seus objetos, em especial, desviando de seu uso habitual os objetos que cercam a criança e é uma atividade livre, que não pode ser delimitada.

O brinquedo trata-se de um objeto que a criança manipula livremente, sem estar condicionado às regras ou a princípios de utilização de outra natureza. A diferença entre o jogo e o brinquedo é que o brinquedo é um objeto infantil e falar em brinquedo para um adulto torna-se motivo de zombaria, de ligação com a infância. O jogo, ao contrário, pode ser destinado tanto à criança quanto ao adulto: ele não é restrito a uma faixa etária (MACEDO, 2003).

É importante resgatar na criança o brincar prazeroso, onde a alegria se faz presente. Com auxílio do brinquedo, concreto e materializado (carrinho, bola, boneca, aviãozinho, casinha, etc.), manipulado e transformado pela criança, e através, das representações do brincar com o brinquedo, realizar jogos com eles, ela se integra ao mundo de maneira equilibrada, crítica, participativa e consciente (KISHIMOTO, 1999).

Além de possibilitar o exercício daquilo que é próprio no processo de desenvolvimento e aprendizagem, a brincadeira permite que a criança construa significados sobre os papéis sociais e as relações afetivas que ocorrem no seu cotidiano e que a ajudam a desenvolver sua identidade.

Para Macedo (2003):

O brincar aparece estruturado basicamente em três modalidades, sendo elas o jogo de exercício, que permite, através da repetição, a formação de hábitos com maior regularidade; o jogo de símbolo, onde se encaixam o “faz de conta”, que ajudam a desenvolver a criatividade e a função simbólica; e o jogo de regras, que herda as características do jogo de exercício, pela regularidade e o jogo simbólico, devido aos combinados arbitrários, integrando o grupo do “como” e o “por que” das coisas. (MACEDO, 2003, p. 47)

As atividades do brincar poderão ser planejadas ao lado das outras áreas, através da articulação de temas e projetos educativos cuja origem seja a mesma. Para Macedo (2003) o educador aprende sobre a criança na observação do desenvolvimento de sua atividade. Assim,

através de sua intencionalidade, sua observação, a atuação da criança na brincadeira e pela interação com as outras crianças, ele pode elaborar novas atividades que privilegiem habilidades que ele percebeu não fazer parte ainda, do universo da criança.

Segundo o autor, a ação do educador deve ser antes de tudo, refletida, planejada e, uma vez executada, avaliada. A partir da visão piagetiana, a intervenção educacional visa ao favorecimento do processo de cooperação, auxiliando a criança a ter um progresso cognitivo e afetivo, ao lhe dar oportunidades para atuar, interagir e manipular elementos da realidade, dentro de uma situação controlada. A partir daí parte-se para um segundo ponto, também fundamental, é o encaminhamento da atividade, ou seja, a definição de como ela será realizada, prevendo a ocupação do espaço e o limite de tempo, de acordo com a natureza da própria atividade, permitindo a realização dos movimentos em sua amplitude.

Para Fortuna (2004), os jogos, as brincadeiras, a dança e as práticas esportivas revelam a cultura corporal de cada grupo social e são atividades privilegiadas nas quais o movimento é aprendido e significado.

Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil (1998, Vol. 3), a externalização de sentimentos, emoções e estados íntimos poderão encontrar na expressividade do corpo um recurso privilegiado. Cada cultura possui seu jeito próprio de preservar esses recursos expressivos do movimento, havendo variações na importância dada às expressões. A cultura tem grande importância para o desenvolvimento da motricidade infantil, não só pelos diferentes significados que cada grupo atribui, como também pelos diferentes movimentos aprendidos no manuseio de objetos específicos presentes na atividade cotidiana, como pás, lápis, bolas de gude, corda, estilingue etc.

Para Wallon, o movimento tem início já na idade fetal. Na criança, é por meio do movimento que o ato se faz presente. Assim, a ação da criança não se limita ao domínio das coisas, mas é meio indispensável de expressão do pensamento e faz com que as crianças participem do mundo, compondo um elemento do desenvolvimento mental da criança (GALVÃO, 2005).

As maneiras didático/pedagógicas em se trabalhar o lúdico na educação infantil parte da intencionalidade do educador e do tempo de desenvolvimento da criança. Na Educação Infantil, atividades recreativas servem como norte para o desenvolvimento de habilidades específicas que podem nortear o trabalho docente.

2.4. Recreação como recurso didático na Educação Infantil

Para Macedo et al (2005), quando uma criança brinca, ela explora, descobre, experimenta, inventa diversas situações. Mais do que isso, ela desenvolve habilidades motoras, estimula a curiosidade, a autoconfiança, a autonomia, descobre a linguagem, o pensamento, a concentração e a atenção, além de contribuir para a socialização de meninos e meninas da mesma faixa etária.

As brincadeiras são mais individuais e egocêntricas quando as crianças são muito novas, já que elas estão no processo de se descobrir. À medida que elas vão crescendo, as atividades ficam mais interativas e cooperativas. E é a partir das atividades lúdicas na infância que o ser humano interage socialmente e se prepara para a vida adulta (MACEDO ET AL, 2005, p. 22).

No ambiente escolar, quando tratada da atividade recreativa no desenvolvimento infantil, tem-se como foco a ludicidade, que tem como objetivo o divertimento, alegria e lazer trazendo com ela a aprendizagem. Contudo, na definição de recreação podem ser observadas aprendizagens específicas como desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor e social dentre outras, de acordo com a intencionalidade docente (MIAN, 2003).

Vale ressaltar que a recreação é importante não só na infância, mas em todas as fases da vida. O termo “recreação” vem do latim recreare e significa “criar novamente” no sentido positivo, ascendente e dinâmico (FERREIRA, 2003). Para Castro (2007), a recreação contempla um conjunto de atividades de caráter lúdico e recreativo, que se destinam a promover o entretenimento e o divertimento.

A recreação vai além da ludicidade, extravaso, satisfação e prazer de fazer alguma atividade motivadora. Recrear é educar, pois a recreação permite criar e satisfazer o espírito estético do ser humano, ricos em possibilidades culturais, permite escapar do desagradável, utilizando excesso de energia ou diminuindo tensão emocional (GOUVEA, 1963, p. 13).

As atividades recreativas retratam a liberdade e a espontaneidade, sem coação interna ou externa de forma obrigatória ou opressora. De acordo com Ferreira (2003), elas trazem inúmeros benefícios, fazendo com que todos participem com grande satisfação de atividades, sem melindre e com muita criatividade independente dos recursos disponíveis, além de permitir que haja aprendizagem com as pessoas que estejam envolvidas nas tarefas e desenvolve muitas habilidades como equilíbrio, propriocepção, confiança, lealdade, força, atenção, agilidade em tomar decisões e principalmente adquirir bons hábitos na convivência social que é de grande importância na fase infantil.

Sobre a prática docente, Vygotsky (1998) relata que:

Ao criar as atividades é importante estar atento ao objetivo, respeitando cada etapa e interferindo quando necessário e ressaltando que as crianças façam observações e explorações para melhor descoberta privilegiando com isso a aprendizagem. São justamente as regras que fazem com que a criança se comporte de forma mais avançada do habitual para sua idade (VYGOTSKY, 1998, p. 29).

Mian (2003) diz que as instituições escolares muitas vezes consideram as atividades recreativas como algo improdutivo, porém, as novas concepções acerca da educação revelam a preocupação em possibilitar às crianças o desenvolvimento global e, portanto, as interações presentes nas atividades recreativas auxiliam em muito se entende-se o inter-relacionamento, a autonomia, a criatividade, a socialização como objetivos das atividades recreativas.

Para Visca (1991):

Alguns autores afirmam que o brincar tem um papel importante, inclusive sinalizando quando a criança tem algum tipo de problema motor, cognitivo dentre outros. Assim, o lúdico transforma-se em uma das formas mais importante do comportamento humano, desde o nascimento até a morte. É absolutamente essencial a sobrevivência e a estruturação o processo do desenvolvimento humano (VISCA, 1991, p. 15).

Brincar estimula as crianças criando possibilidade para o meio social e através dessa ludicidade elas associam a ilusão e sua imaginação com a realidade. Nas escolas, as atividades recreativas têm que estar sempre buscando alcançar um objetivo, seja para a alfabetização, seja para o repasse de boas maneiras, ou com quaisquer fins educativos. Isto porque, a brincadeira, em seu todo, é um período de aprendizagem significativa para a criança, independentemente de onde ocorra (KAHN, 2003).

3. METODOLOGIA

Na realização deste trabalho, foi realizada uma revisão de literatura com embasamento em manuais das referências publicadas em livros e textos disponíveis no acervo das Faculdades Integradas Regionais de Avaré (FIRA) assim como na base de dados Google Acadêmico utilizando as respectivas palavras-chave: Educação Física. Educação Infantil. Psicomotricidade.

Como critérios de inclusão dos artigos, analisaram-se a procedência da revista e classificação dos estudos que apresentassem dados referentes a atuação docente em educação física durante a Educação Infantil e, assim, como critério de exclusão utilizou-se referências incompletas e informações desconhecidas, já que essa pesquisa visa revisar conhecimentos atualizados sobre o tema (RICHARDSON, 2007).

Este trabalho, ao optar pela docência na Educação Infantil, seleciona material teórico que colaboram no desenvolvimento do trabalho e se tornem fonte do conhecimento acerca da prática docente durante a educação infantil. Para tal, se utiliza da revisão de literatura e da pesquisa qualitativa, que confere maior rigor metodológico.

Na pesquisa qualitativa, o importante é interpretar e compreender o fenômeno social como um todo, aceitando a possibilidade da existência de várias interpretações para um mesmo tema-problema. É descritiva e a preocupação maior é com o processo e não apenas com os resultados e o produto (SEVERINO, 2000).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As brincadeiras durante a educação infantil devem ter como objetivo desenvolver habilidades e capacidades das crianças nestes primeiros anos de vida, sendo assim nada melhor que fazer isso da forma que elas mais gostam, brincando. A construção deste trabalho possibilitou compreender a importância das atividades lúdicas para um bom desenvolvimento psicossocial e afetivo das crianças, além de ser uma maneira de trabalhar a interação, fazendo com que não haja espaço para a exclusão e saliente a necessidade de se aceitar as diferenças e se ressaltar a diversidade humana.

Para que as atividades durante as aulas de educação física se tornem um facilitador para o desenvolvimento de habilidades, é necessário que tudo aconteça de forma natural e melhor ainda de forma "lúdica". É necessário ter um objetivo a ser trabalhado, para que as crianças desenvolvam habilidades capazes de promoverem ferramentas cognitivas, sociais, psicomotoras que auxiliem na inserção social de indivíduos autônomos, criativos, colaborativos e tolerantes.

Enquanto brinca, a criança amplia sua capacidade corporal, a percepção de si mesma como ser social, a percepção do espaço que o cerca e de como explorá-lo. Brincar é tão importante e sério para a criança como trabalhar é para o adulto.

O estudo desenvolvido sobre o tema "Educação Física na Educação Infantil" teve como resultado o entendimento de que uma prática de trabalho que procura na teoria os conhecimentos que fundamentam a utilização dos brinquedos, brincadeiras e jogos, na tentativa de encontrar caminhos mais significativos que incorpore o lúdico como eixo do trabalho com educação infantil, garante a oportunidade de a criança adquirir certa flexibilidade, vontade de experimentar, buscar novos caminhos, conviver com o diferente, ter confiança, raciocinar, descobrir, persistir e perseverar, aprender a perder percebendo que virá novas oportunidades para ganhar.

5. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. N. **Educação Lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 1990.
- ALVES, F. **Psicomotricidade: Corpo, Ação e Emoção**. 1. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2003.
- ANDRADE, LBP. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- ANTUNES, Celso. **Educação Infantil: prioridade imprescindível**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- ARIÈS, P. **História social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARROS, Eduardo. **Como estimular a equipe a mudar de corredor de ataque** (2008). Disponível em: <http://universidadedofutebol.com.br> Acesso em 16 de setembro de 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9394/96. 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura (MEC), **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, Vol. 1, 2 e 3**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**. 2a. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- CASTRO M da S. **Modelo da atividade Recreação: Módulo programação**. Rio de Janeiro: Sesc, 2007.
- CHATEAU, Jean. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus, 1987.
- COSTE, J. C. **A psicomotricidade**. Álvaro Cabral (trad.). Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1992.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de. PALHARES, Marina Silveira (orgs.). **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados, FE-UNICAMP; São Carlos: Editora da UFSCar; Florianópolis: Editora da UFSC, 1999. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 62)
- FERREIRA V. **Educação Física, Recreação, Jogos e Desportos**. Rio de Janeiro. Sprint. 2003.
- FONSECA, V. da. **Contributo para o estudo da Gênese da Psicomotricidade**. 3. ed. Lisboa: Editora Notícias, 1988.
- _____. **Psicomotricidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FORTUNA, Tânia R. **O brincar na educação infantil**. Revista Pátio, ano I, n. 3, dezembro 2003/março 2004.

FRIEDMANN, Adriana. **O papel do brincar na cultura contemporânea**. Revista Pátio, ano I, n.3, dezembro 2003/março 2004.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GARDNER, H. **Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas**. Trad. Santa Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1994.

GOUVÊA R. **Recreação**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1963.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 6ª edição, 1993, Tradução: João Paulo Monteiro.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 3a. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

MACEDO, L de; PETTY, AL SÍCOLI; PASSOS, N Christe. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MACEDO, Lino de. **Faz-de-conta na escola: a importância do brincar**. Revista Pátio, ano I, n.3, dezembro 2003.

MELLO, A. M. **Psicomotricidade, Educação Física e Jogos Infantis**. 4. ed. São Paulo: IBRASA, 2000.

MIAN R. **Monitor ou Recreação: Formação profissional**. São Paulo. Texto Novo. 2003.

NEGRINE, Airton. **A coordenação psicomotora e suas aplicações**. Porto Alegre, 1987.

OLIVEIRA, Z. de M. R de. **Pode-se falar em uma escola da infância?** In: _____. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto (Orgs.). **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21a ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VISCA J. **Psicologia: Novas contribuições**, Rio de Janeiro, Ed Nova Fronteira, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Org. Michael Cole [et al]: Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.